



## **Mártires: De Rabi Akiva a Tiradentes: uma aproximação**

Martyrs: From Rabi Akiva to Tiradentes: an Approximation

**Manu Marcus Hubner\***

São Paulo, Brasil

marcushubner@gmail.com

**Resumo:** Este artigo aponta alguns pontos em comum na trajetória do mártir judeu da época do Talmud, Rabi Akiva, e do mártir brasileiro da época do Brasil-colônia, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Ambos os personagens viveram em épocas de grande opressão por parte de algum poder dominante, tiveram infâncias difíceis e possuíam ascendência judaica. Humanistas, eles buscavam a justiça e a defesa dos menos afortunados. Nesse processo, Rabi Akiva manteve o judaísmo vivo e o sacrifício de Tiradentes, segundo a história oficial, precedeu a independência do Brasil.

**Palavras-chave:** Rabi Akiva. Martírio. Tiradentes.

**Abstract:** This article points out some points in common in the trajectory of the Jewish martyr of the Talmud era, Rabi Akiva, and the Brazilian martyr of the Brazilian colony era, Joaquim José da Silva Xavier, the Tiradentes. Both characters lived in times of great oppression by some dominant power, had difficult childhoods, and possessed Jewish ancestry. Humanists, they sought justice and the defense of the less fortunate. In this process, Rabbi Akiva kept Judaism alive and Tiradentes' sacrifice, according to official history, preceded Brazil's independence.

**Keywords:** Rabbi Akiva. Martyrdom. Tiradentes.

### **1 Noção de martírio na visão da Torá e do Talmud**

O *Dicionário Aurélio* define mártir como:

Pessoa que sofre tormentos ou a morte por causa de suas crenças ou opiniões; quem se sacrifica, sofre ou perde a vida por um trabalho, experiência, etc.; pessoa que sofre, que padece muito.<sup>1</sup>

O *Anchor Bible Dictionary*, por sua vez, sintetiza o conceito de martírio como o “ato de escolher a morte em vez de renunciar aos princípios de alguém”.<sup>2</sup>

---

\* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> FERREIRA, 1988, p. 420.

<sup>2</sup> FREEDMAN, 1992, p. 574.



O martírio é, portanto, um ato de fidelidade à fé ou de recusa de desobediência à fé quando há, por exemplo, coerção pública. Assim, segundo Falbel, “pessoas cometem suicídio e matam seus entes mais queridos para manterem-se dentro de sua fé, em geral como resultado de uma decisão coletiva”.<sup>3</sup>

Sendo assim, por um lado, o martírio causa um sofrimento extremo ao mártir. Por outro lado, ele pode ter como função remir ou evitar transgressões religiosas daquele que as pratica,<sup>4</sup> uma atitude de “defesa da religião”<sup>5</sup> ou “um caminho que leva à imortalidade”.<sup>6</sup> Um ato enaltecido, uma morte valente e honrosa.

A posição da *Torá*<sup>7</sup> e do *Talmud*<sup>8</sup> é inequívoca em favor da preservação da vida. A lei judaica classifica o suicídio intencional como um ato “de extrema gravidade”; porém, quando o suicida é criança, doente mental ou comete esse ato para evitar tortura, o autoextermínio não é considerado intencional.<sup>9</sup>

O *Talmud* assim avalia aqueles que sacrificam suas vidas até mesmo pela *Torá*:

[...] você deve viver por eles e não morrer por eles.<sup>10</sup>

Ou em:

[...] qualquer um que sacrificar sua vida pelo bem da *Torá*, não registramos lei em seu nome.<sup>11</sup>

O decreto talmúdico refere-se ao que é legalmente aceitável como martírio: a morte é preferível à três transgressões: idolatria, assassinato e perversão sexual.

Transgrida e não sofra a morte, ele pode transgredir e não sofrer a morte, exceto idolatria, incesto, [que inclui adultério] e assassinato. (*Talmud Sanhedrin* 74a)

---

<sup>3</sup> FALBEL, 2001, p. 20.

<sup>4</sup> FALBEL, 2001, p. 20.

<sup>5</sup> JOSEFO, 2008, p. 565.

<sup>6</sup> JOSEFO, 2008, p. 1515.

<sup>7</sup> A *Torá* é o conjunto de livros que forma o Pentateuco. A palavra “*Torá*” é traduzida como “ensinamento, lei” (JASTROW, 1996, p. 1657).

<sup>8</sup> *Talmud* quer dizer “ensinamento, instrução, estudo” (JASTROW, 1996, p. 1672). É uma das obras fundamentais do judaísmo, sua “Lei Oral”, que completa e explica a “Lei Escrita” – o Pentateuco (HASTINGS, 1909, p. 890). Compõe-se de duas partes: a *Mishná* e a *Guemará*, que foram compiladas, respectivamente, por volta dos anos 200 e 500 E.C. Para todas as citações do *Talmud*, neste artigo, será utilizado o *software Judaic Classics: The Soncino Talmud*. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990, com tradução nossa.

<sup>9</sup> GANTZFRIED, 2008, p. 1016.

<sup>10</sup> *Sanhedrin*, 74a.

<sup>11</sup> *Bava Kama*, 61a.



Entretanto, o mesmo *Talmud* promulga que o martírio é preferível à uma transgressão, qualquer que seja, de forma pública:

[...] em público, deve-se ser martirizado, mesmo por um preceito menor, em vez de violá-lo. [...] O mínimo para ser público é dez.<sup>12</sup>

O martírio de Rabi Akiva é um marco na história judaica por diversos motivos. Em primeiro lugar, por estar presente nas mentes e corações do povo judeu por quase dezenove séculos, como parte da liturgia do dia mais importante do calendário judaico, o *Yom Kipur*, o Dia do Perdão (Lv 23: 26-32; Nm 29:7-11). Em segundo lugar, por ter se tornado uma inspiração para diversos poemas, tendo adquirido proporções lendárias – mesmo que a narrativa reflita da forma mais perfeita possível a pura realidade dos fatos ocorridos. Em terceiro lugar, como um exemplo a ser seguido de obstinada fidelidade à fé em situações de perigo extremo – exemplo esse que foi seguido em diversas gerações posteriores.

O martírio, evidentemente, não está presente somente na história judaica, mas ocorre em momentos relevantes de toda a história humana. É provável que o exemplo mais contundente na história do Brasil seja o de Tiradentes (Joaquim José da Silva Xavier, 1746-1792), considerado um dos líderes da Inconfidência Mineira, que tinha como um dos seus objetivos a independência do país de Portugal. Tiradentes acabou sendo traído e enforcado como o principal responsável pelo movimento. Seu corpo foi esquartejado e seus restos espalhados em locais públicos para servir de exemplo. Após o Brasil ter se tornado uma república, Tiradentes foi declarado herói, com um feriado em sua homenagem (21 de abril). Em 1965, foi declarado “Patrono Cívico da Nação Brasileira”.<sup>13</sup> A pintura de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1895), “Tiradentes Supliciado”, é uma das mais marcantes imagens do mártir esquartejado.<sup>14</sup>

## 2 Rabi Akiva

A história de Rabi Akiva marca sua trajetória de analfabeto de família humilde<sup>15</sup> para o mais erudito e prestigioso sábio judeu de sua geração.<sup>16</sup> Considerado o “pai do judaísmo rabínico”,<sup>17</sup> ele ocupa o “maior lugar de honra entre todos nossos heróis

---

<sup>12</sup> *Talmud Sanhedrin* 74a-b.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, 1980, p. 96-97.

<sup>14</sup> A pintura “Tiradentes Supliciado” pode ser conferida em Vírus da Arte e Cia., disponível em: <http://virusdaarte.net/pedro-americo-tiradentes-supliciado>. Acesso em: 17 mar. 2016.

<sup>15</sup> *Talmud Berachot* 27b.

<sup>16</sup> KOLATCH, 2003, p. 115.

<sup>17</sup> *Talmud Jer. Shek.* 3:47b; *Rosh Hashana* 1:56d.



nacionais”.<sup>18</sup> De acordo com a tradição, ele chegou a ter milhares de alunos,<sup>19</sup> que se tornaram a maioria dos grandes sábios da geração seguinte.<sup>20</sup> Seu nome é mencionado mais de 2300 vezes no *Talmud*.<sup>21</sup> Sua esfera de influência se estende desde as leis judaicas até a ética e a teologia.<sup>22</sup> Ele foi o sábio que definiu o cânone dos livros da Bíblia Hebraica<sup>23</sup> e os talmudistas consideram seu trabalho tão importante que o consideram como aquele que salvou a *Torá* do esquecimento.<sup>24</sup>

Uma narrativa talmúdica pode exemplificar sua grandeza de caráter: quando um feixe de palha era tudo que Rabi Akiva e sua esposa possuíam, um pobre veio mendigar palha para a cama de sua esposa enferma. Rabi Akiva dividiu com o homem seu já escasso feixe, dizendo para sua esposa: “Tu vês, minha filha, existem aqueles mais pobres do que nós!”.<sup>25</sup>

No poema litúrgico *Ele Ezkara*,<sup>26</sup> ele é um personagem importante. No texto, dez sábios do povo de Israel são cruelmente assassinados por ordem do imperador romano para expiar a culpa dos irmãos de José, que o sequestraram e o venderam. O martírio dos dez sábios tem emocionado os corações dos judeus desde então. A narrativa é repetida ano após ano no *Yom Kipur*. Além disso, tornou-se a inspiração para outros poemas, litúrgicos ou laicos. A ideia central do poema é que o poderoso Império Romano, mesmo vencendo a guerra, não conseguiu quebrar o espírito do obstinado povo de Israel, que se manteve fiel às suas tradições em situações adversas.

## 2.2 História

---

<sup>18</sup> BADER, 1988, p. 257.

<sup>19</sup> Rabi Akiva chegou a ter, de acordo com a tradição, 12000 (*Gn Raba* 41:3), 24000 (*Talmud Yebamot* 62b) ou 48000 (*Talmud Nedarim* 50a) alunos.

<sup>20</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 4. Segundo Ginzberg (2011), os maiores sábios da geração seguinte foram seus alunos, e não apenas a maioria deles.

<sup>21</sup> KOLATCH, 2003, p. 115.

<sup>22</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 4.

<sup>23</sup> *Talmud Sanhedrin* 10:1; *Yad* 3:5; *Meguilá* 7a; GINZBERG, 2011.

<sup>24</sup> *Midrash Sifre Dt* 48.

<sup>25</sup> *Talmud Nedarim* 50a.

<sup>26</sup> O poema litúrgico “*Ele Ezkara*” pode ser encontrado tanto em hebraico quanto em inglês, em versões disponíveis no site: *An Invitation to Piyut*, disponível: <http://old.piyut.org.il/textual/english/575.html> (em hebraico) e: <http://www.piyut.org.il/textual/575.html> (em inglês). Acesso em: 18 fev. 2016. Uma versão em português pode ser conferida no *Machzor Completo*. Português. Jairo Fridlin; Vitor Fridlin [org.; ed.]. São Paulo: Sefer, 1997. p. 287-290. Essa versão em português traduz *Ele Ezkara* como “Estes eu recordarei” (p. 287).



A vida de Rabi Akiva pode ser dividida em fases bastante distintas: a da origem humilde, com infância e juventude na pobreza e na ignorância, trabalhando como pastor; a do casamento romântico com uma mulher culta e rica; a da conversão e aprendizado; a do ensino e a ascensão à liderança; e, finalmente, a do martírio. O *Midrash*<sup>27</sup> divide sua vida em três fases: Rabi Akiva foi pastor de rebanhos por 40 anos, estudou Torá por 40 anos, e ensinou Israel por 40 anos.<sup>28</sup> Além disso, a única descrição física que existe dele é: calvo e alto.<sup>29</sup>

Rabi Akiva nasceu entre os anos 40 e 50 E.C.,<sup>30</sup> provavelmente, na vizinhança de Lod, Israel, na planície próxima à costa do Mediterrâneo, local fértil, úmido e de clima quente. Como já foi dito, sua família humilde.<sup>31</sup> Era filho de Joseph, um camponês pobre, sem terra.<sup>32</sup> Essas pessoas eram chamadas de *am haaretz*,<sup>33</sup> “pessoas da terra” ou pessoas “incultas”,<sup>34</sup> termo usado pejorativamente no sentido de “rústico” ou “ignorante”.<sup>35</sup> Para conseguir seu sustento, Rabi Akiva começou a trabalhar cedo para ricos donos de rebanhos da região como pastor.<sup>36</sup>

Segundo consta, ela não conhecia o alfabeto até os quarenta anos de idade.<sup>37</sup> Analfabeto, portanto, não teve acesso à educação formal, aos livros, já que, nessa época, as crianças aprendiam apenas com os seus pais. Nessa fase, ele parece ter

---

<sup>27</sup> *Midrash* significa “interpretação textual, estudo”, segundo Jastrow (*A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*, 1903, p. 735). Segundo a *Jewish Encyclopedia*, o termo é entendido como “explicação” ou “exegese”, especialmente referindo-se à Bíblia Hebraica, em contraste com a interpretação literal. O termo “*midrash*” designa, portanto, uma exegese mais profunda que o entendimento do sentido literal do texto, extraindo das Escrituras interpretações que não são óbvias. (JACOBS, J.; HOROVITS, S. *Midrash*, em: *Jewish Encyclopedia*. Disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/10805-midrash>. Acesso em: 18 fev. 2016.

<sup>28</sup> *Midrash Sifre Dt 34:7*.

<sup>29</sup> *Talmud Berachot 58a; Midrash Nm Raba, Naso 9*.

<sup>30</sup> As opiniões divergem sobre as datas: Rabi Akiva viveu entre 40-135, segundo KOLATCH, 2003, p. 115-120; ente 50-132, segundo GINZBERG, 2011; e entre 50-135, segundo JOHNSON, 1987.

<sup>31</sup> *Talmud Ber 27b, Jer. Ber. 4:7d; JOHNSON, 1987, p. 141*.

<sup>32</sup> BADER, 1988, p. 257, afirma que Akiva era descendente de Sísera, comandante dos exércitos de Jabin, rei de Hazor (Jz 4), mas essa afirmação é contestada por GINZBERG, 2011.

<sup>33</sup> *Talmud Pessachim 49b*.

<sup>34</sup> KOLATCH, 2003, p. 115.

<sup>35</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 18; GINZBERG, 2011.

<sup>36</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 22); GINZBERG, 2011; JOHNSON, 1987, p. 141.

<sup>37</sup> BADER, 1988, p. 258.



desenvolvido algum animosidade contra os estudiosos: “When I was an am *haaretz*, I used to say, ‘Would that I had a scholar in my hands, and I should bite him like an ass’”.<sup>38</sup>

O milagre da transformação desse homem rude em um estudioso e um mestre recai sobre sua esposa, Rachel, sobre a qual pouco se sabe, além da sua descrição como filha de Yehoshua, mais conhecido pelo seu nome aramaico Kalba Savua,<sup>39</sup> um dos três homens mais ricos de Jerusalém naquele tempo.<sup>40</sup> Nas palavras do próprio Rabi Akiva para seus alunos, “Whatever you have achieved, and whatever I have achieved, belong to her”.<sup>41</sup> Ela não apenas reconheceu o potencial de Rabi Akiva, como também se casou com ele e conseguiu convencê-lo a abandonar a vida simples de um pastor para se tornar um aluno daqueles estudiosos que foram alvo do seu próprio ódio<sup>42</sup>: “Go, and become a scholar”,<sup>43</sup> por volta do ano 80 E.C.

Inicialmente, suas dificuldades foram imensas: seu sogro recusou-se a aceitar o casamento de sua filha com o pastor ignorante, Rachel foi renegada e deserdada pelo pai.<sup>44</sup> O casal viveu, por esse motivo, na pobreza, sem um teto para se abrigar.<sup>45</sup> Provavelmente, eles se mantiveram com o mínimo necessário de alimentos.<sup>46</sup> Rabi Akiva conseguiu trabalho, mas seus ganhos não cobriam as necessidades básicas deles. Em uma ocasião, Rachel chegou a vender seus cabelos para terem o que comer.<sup>47</sup> A vida de estudante também trouxe muitos desapontamentos e as dificuldades fizeram-no pensar diversas vezes na desistência e na volta à vida de pastor.<sup>48</sup>

---

<sup>38</sup> *Talmud Pesachim* 49b.

<sup>39</sup> *Yadayim* 3:5 em KOLATCH, 2003, p. 115. Há diferentes opiniões sobre o significado do nome “Kalba Savua” ou “Ben Kalba Savua”, cuja tradução literal seria “cão saciado” (tradução nossa). Uma dessas opiniões acredita que ele seria descendente de Kaleb (esse nome possui muitas aparições na Bíblia Hebraica, entre elas Nm 13:6; Js 15:13; Jz 1:12), devido à similaridade dos nomes; outras afirmam que esse apelido advém de sua generosidade: se alguém viesse à sua casa faminto como um cão, sairia de lá saciado. Outros acreditam que esse nome signifique um “armazém cheio de grãos” (BADER, 1988, p. 258).

<sup>40</sup> BADER, 1988, p. 257; FINKELSTEIN, 1964, p. 23; KOLATCH, 2003, p. 115.

<sup>41</sup> *Talmud Ketubot* 63a.

<sup>42</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 23.

<sup>43</sup> *Talmud Nedarim* 50a.

<sup>44</sup> BADER, 1988, p. 258; GINZBERG, 2011.

<sup>45</sup> *Talmud Nedarim* 50a.

<sup>46</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 24.

<sup>47</sup> *Talmud Jer. Shabat* 6:1.

<sup>48</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 24.



Reza as inúmeras anedotas sobre sua vida que um momento notável e que causou profunda mudança na sua vida foi sua passagem por uma fonte, onde, pela primeira vez, ele notou um sulco produzido na rocha pelas águas. O efeito dessa visão foi o agente catalizador da sua conversão: se as águas que caem podem, aos poucos, furar a pedra, então o conhecimento também poderia, aos poucos, penetrar na sua mente.<sup>49</sup> Portanto, Rabi Akiva pegou seu filho de quatro ou cinco anos e foi logo procurar um professor de crianças. Ambos aprenderam juntos os estudos iniciais, das letras ao Pentateuco.<sup>50</sup> Após esse período, chegou o momento de partir para a academia rabínica.<sup>51</sup> Ele estava prestes a abandonar a vida de pastor e adentrar um novo mundo, o mundo dos sábios que ele anteriormente odiava.<sup>52</sup>

A rebelião que estourou contra o Império Romano, em 66, quando Rabi Akiva ainda era jovem, foi um dos mais terríveis eventos da história judaica.<sup>53</sup> Segundo o Talmud, a decadência econômica atingiu níveis catastróficos: seis pessoas cobriam-se com o mesmo cobertor, crianças menores de sete anos precisavam trabalhar pelo seu sustento, pessoas se amontoavam nas ruas padecendo de fome.<sup>54</sup>

Em 68, Vespasiano, após destruir várias cidades judaicas, decidiu marchar contra Jerusalém. Foram dois anos de tensão, em que facções, em vez de se unirem contra o invasor, lutaram umas contra as outras, destruindo assim as reservas de alimentos da cidade, condenando à morte líderes opositores.<sup>55</sup> Johanan ben Zakkai simulou doença e morte para que fosse levado para fora da cidade para ser enterrado por seus alunos. Assim, poderia contatar Vespasiano e estabelecer uma nova academia em alguma outra cidade, já que Jerusalém estava condenada.<sup>56</sup> Ele conseguiu o consentimento de para seu modesto pedido. Escolheu a cidade de Iavne, na costa do Mediterrâneo, já habitada por desertores e refugiados judeus, próxima de Lod.<sup>57</sup> Vespasiano abandonou o cerco a Jerusalém em 69 para ser proclamado imperador de Roma e enviou seu filho Tito, na época com vinte e nove anos, para terminar a conquista da cidade, no ano 70.<sup>58</sup>

Após a queda, Jerusalém estava em ruínas, com seu templo e sua muralha destruídos.<sup>59</sup> Estima-se que 1.197.000 judeus tenham sido mortos ou vendidos como

---

<sup>49</sup> *Talmud Avot*, Rabi Natan 6.

<sup>50</sup> BADER, 1988, p. 258; FINKELSTEIN, 1964, p. 27.

<sup>51</sup> BADER, 1988, p. 258; FINKELSTEIN, 1964, p. 27.

<sup>52</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 75.

<sup>53</sup> JOHNSON, 1988, p. 137.

<sup>54</sup> *Talmud Sanhedrin* 203; *Ketubot* 49b; *Baba Batra* 91b.

<sup>55</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 64-65.

<sup>56</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 65.

<sup>57</sup> BEN-DOV, 2002, p. 134; FINKELSTEIN, 1964, p. 68.

<sup>58</sup> JOHNSON, 1988, p. 137.

<sup>59</sup> JOHNSON, 1988, p. 140.



escravos.<sup>60</sup> Entretanto, a cidade de Iavne e a academia de Johanan estavam prontas para receber os refugiados. Johanan se torna, portanto, o líder espiritual da geração.<sup>61</sup>

Rabi Akiva chega em Iavne logo após a morte de Johanan.<sup>62</sup> Ele adquire conhecimento e inspiração de diversos mestres: Joshua ben Hananya, Tarfon, Nahum de Gimzo, que acreditava que cada palavra, e até mesmo cada letra das Escrituras tinham significado.<sup>63</sup> Com Nahum ele aprende a ver a vida com conformação e responder, a cada contratempo, “isso também é para o bem”, *gam zu le-tovah*.<sup>64</sup> Akiba, após uma rejeição inicial, foi finalmente aceito como aluno de Eliezer ben Hyrkanos,<sup>65</sup> com o qual possuía algumas desavenças.<sup>66</sup>

Rabi Akiva se sustentava juntando pedaços de madeira para vender<sup>67</sup> e, quando recebia alguma quantia, distribuía aos mais necessitados do que ele.<sup>68</sup>

Após oito, alguns dizem dez anos sob a tutela de Joshua ben Hanaya e Nahum de Gimzo, ele foi conquistando sua posição de mestre, comeando a ensinar após treze anos de estudos.<sup>69</sup> Tornou-se, assim, um grande erudito,<sup>70</sup> uma autoridade reconhecida, um juiz, um homem maduro, sofisticado e idealista.<sup>71</sup> Alguns de seus alunos tornaram-se célebres: Meir, Yehuda bar Ilay, Yosei ben Chalafta, Shimon bar Iochai e Elazar ben Shamua.<sup>72</sup>

Rabi Akiva atingiu uma certa estabilidade financeira, provavelmente, pela reconciliação com seu sogro, Ben Kalba Savua, que eventualmente teria lhe deixado metade dos seus bens.<sup>73</sup> Tornou-se líder do tribunal rabínico em Usha no ano de 120,<sup>74</sup> enquanto Tineius Rufus foi nomeado governador.

---

<sup>60</sup> JOHNSON, 1988, p. 148.

<sup>61</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 66-70.

<sup>62</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 72.

<sup>63</sup> BADER, 1988, p. 258, 260; FINKELSTEIN, 1964, p. 89.

<sup>64</sup> KOLATCH, 2003, p. 116.

<sup>65</sup> BADER, 1988, p. 258; FINKELSTEIN, 1964, p. 91.

<sup>66</sup> *Talmud Pessachim* 6:1, 6:4:33c; *Tossefta* 5:1, p. 163; *Midrash Sifre Zutta* 9:2, p. 257.

<sup>67</sup> BADER, 1988, p. 259; FINKELSTEIN, 1964, p. 80.

<sup>68</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 80-81.

<sup>69</sup> GINZBERG, 2011.

<sup>70</sup> JOHNSON, 1987, p. 141.

<sup>71</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 94.

<sup>72</sup> *Talmud Yebamot* 62b.

<sup>73</sup> BADER, 1988, p. 260; FINKELSTEIN, 1964, p. 216; KOLATCH, 2003, p. 117.

<sup>74</sup> *Talmud Chaguiga* 5b; *Yevamoth* 62b; *Ketubot* 62b-63a; *Nedarim* 50a; *Eruvin* 53b; KANTOR, 2007, p. 144.





Os romanos, cada vez mais, aumentavam os decretos contra práticas judaicas que visavam, entre outros desmandos, a supressão do judaísmo. Após o ano 125,<sup>75</sup> a situação agravou-se consideravelmente. Diversos rituais judaicos foram proibidos, dentre eles, a circuncisão. Além disso, Adriano iniciou a deportação de judeus para o norte da África.<sup>76</sup>

Rabi Akiva era um racionalista-pacifista, assim como Johanan ben Zakkai havia sido no seu tempo. Eles preferiam a sobrevivência do judaísmo, um sistema de conhecimento e sabedoria, mesmo com o sacrifício da parte ritual ou cerimonial.<sup>77</sup> O que resultou de serem chamados de fariseus, pois seguiam os ensinamentos de Hilel.<sup>78</sup>

O comportamento dos judeus frente ao perigo representado pelas proibições romanas, de acordo com Rabi Akiva era: "Transgress and suffer not death, he may transgress and not suffer death, excepting idolatry, incest, [which includes adultery] and murder".<sup>79</sup> Portanto, partes da Lei podem ser abandonadas quando a situação é de risco de vida, mas o estudo da Lei e três princípios primordiais devem ser mantidos: o reconhecimento da existência de um Deus único, a santidade da vida e a pureza familiar.<sup>80</sup>

Em 130,<sup>81</sup> Adriano visita Caesarea, sede do governo romano na Judéia. Seu plano era adotar uma única cultura e religião em todo o império, já que a existência de diferentes ideologias e crenças poderia despertar a identidade nacional dos povos conquistados, que, assim, poderiam se rebelar contra Roma.<sup>82</sup> Adriano também decide reconstruir Jerusalém e seu Templo, no intuito de restabelecer a cidade como um grande centro comercial e religioso, cometendo, assim, um equívoco: ele queria uma cidade integrada com o império de todas as formas, até mesmo religiosa, e não acreditava que os judeus estariam mais preocupados com sua teologia do que com seu pão. Para ele, a beleza do templo deveria ter muito mais importância do que detalhes sobre rituais e teologia, desse modo, ele estava oferecendo um templo pagão ao povo que se submeteu a muitas formas de opressão, mas nunca aceitou a profanação do seu Templo. O templo seria lugar de culto a Júpiter na forma de uma estátua do próprio Adriano. Aelia Capitolina era uma cidade romana, não judaica.<sup>83</sup>

---

<sup>75</sup> O ano seria 123, para KANTOR, 2007, p. 144.

<sup>76</sup> KANTOR, 2007, p. 144.

<sup>77</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 259.

<sup>78</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 257.

<sup>79</sup> *Talmud Sanhedrin* 74a.

<sup>80</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 261.

<sup>81</sup> Em 132, segundo KOLATCH, 2003, p. 118.

<sup>82</sup> BEN-DOV, 2002, p. 143.

<sup>83</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 263.



A liderança da revolta passou dos sábios intelectuais para Simeon bar Kohba, que transformou os camponeses patriotas em um exército. Suas primeiras vitórias foram recebidas com entusiasmo pelo povo, que passou a considerá-lo um segundo Macabeu, e até mesmo o Messias.<sup>84</sup>

Rabi Akiva passou a ter esperanças, mesmo vendo a desigualdade da luta entre as legiões romanas e os jovens destreinados, e destinou à Simeon o verso de Nm 24:17: “Eu o vejo, mas não no presente; eu o contemplo, mas não de perto; de Jacó procederá uma estrela, de Israel se levantará um cetro que ferirá os termos de Moabe, e destruirá todos os filhos de orgulho.” Desse modo, passa a considerar Simon bar Kohba como messias.<sup>85</sup>

No início do conflito, os judeus ocuparam cidades fortificadas e vilarejos, fazendo os romanos recuarem. Com seu sistema de fortalezas e túneis, chegaram até mesmo a reconquistar Jerusalém, porém, a cidade sem muralhas tornou-se indefensável. Os judeus causaram duras perdas ao exército romano, que concentrou na região nada menos que doze legiões. Bar Kohba chegou a cunhar moedas comemorando a libertação de Judá.<sup>86</sup> Adriano envia, então, Julius Severus, general engajado na guerra nas ilhas britânicas, com dois a três vezes mais soldados do que os judeus.<sup>87</sup> Os métodos romanos foram lentos, mas sistemáticos e certos, separando e isolando as forças rebeldes até o cerco completo dos últimos focos de resistência, com a ajuda dos samaritanos e dos habitantes de Tiberias e Seforis. A última grande fortaleza dos judeus, Betar, que se localiza a sudoeste de Jerusalém, caiu no ano de 135,<sup>88</sup> de forma terrível – o sangue das vítimas, sobre o qual os cavalos caminharam, formou um riacho que fluiu até o Mediterrâneo.<sup>89</sup> Bar Kohba, líder da rebelião, foi morto em Betar.<sup>90</sup> O Talmud relata que a causa da queda da cidade foi Bar Kohba ter assassinado Rabi Eliezer de Modiin por suspeita de negociações com os romanos.<sup>91</sup>

Aos que restaram, veio a proibição de observar sua lei ancestral. Jerusalém foi renomeada como Aelia Capitolina e proibida aos judeus, Judeia foi rebatizada como Palestina e o templo de Júpiter foi construído sobre o Templo do Monte Moriá com uma estátua do imperador e, no local onde os cristãos consideravam ser a sepultura de Jesus, foi estabelecido outro templo pagão, dedicado a Vênus. As consequências históricas das duas catástrofes, dos anos 70 e 135, foram a separação definitiva entre

---

<sup>84</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 269.

<sup>85</sup> *Talmud Taanit* 4:7, 68d; BADER, 1988, p. 263; KANTOR, 2007, p. 144.

<sup>86</sup> BADER, 1988, p. 266-267; KANTOR, 2007, p. 144.

<sup>87</sup> BADER, 1988, p. 266-267; DIO CASSIUS, 1969, p. 13.

<sup>88</sup> JOHNSON, 1988, p. 141.

<sup>89</sup> BADER, 1988, p. 268.

<sup>90</sup> JOHNSON, 1988, p. 142.

<sup>91</sup> BADER, 1988, p. 268.



judaísmo e cristianismo e a substituição do judaísmo físico nacional pelo estudo e observância da Torá.<sup>92</sup>

Não há evidências da participação de Rabi Akiva na rebelião.<sup>93</sup> Já idoso, ele não foi preso, mas só poderia observar a Lei em segredo, assim como os outros judeus. Ele continuou com sua batalha pacífica pela continuidade do judaísmo, dando aulas, promovendo encontros em público ou em ambientes particulares, e convidando seus alunos para discutirem a Lei durante jantares.<sup>94</sup>

Os romanos, finalmente, proibiram não somente a prática, mas também o estudo da Torá, provavelmente no ano 134, após a queda de Betar. Rabi Akiva, desconsiderando o perigo do momento, pensando apenas na continuidade e no futuro, manteve suas atividades.<sup>95</sup> Ele acabou sendo capturado pelos romanos, que hesitaram em executá-lo e o mantiveram preso por três anos.<sup>96</sup> Sendo finalmente julgado por seu velho conhecido, Rufus, foi condenado por ter desrespeitado a lei romana. Condenado à morte, torturado de forma terrível: sua carne foi rasgada de seu corpo ainda vivo com pentes de ferro.<sup>97</sup>

### 2.3 Alguns princípios de Rabi Akiva

As narrativas do Talmud descrevem Rabi Akiva com os seguintes princípios: contrariedade à superstição, respeito à educação, leniência na punição, atitude favorável com relação à mulher, bondade com relação aos escravos e crença na igualdade humana.

Para ele, não há lugar na religião para a superstição. Há referência, por exemplo, à sua repulsa ao uso de ossos como amuletos.<sup>98</sup> Também não se deve acreditar em dias de bom ou mau presságio,<sup>99</sup> nem utilizar fórmulas mágicas para curar enfermos.<sup>100</sup>

Extremamente humilde, sem traços de orgulho ou vaidade, ele considerava a educação e as boas maneiras fundamentais. “Farás o que é justo e bom...” (Dt 6:18), significa, segundo Rabi Akiva, aquilo que é justo para os olhos divinos e bom para os olhos humanos. Considerava graves as explosões de raiva: “uma pessoa que rasga suas roupas ou quebra pratos com raiva terminará por adorar ídolos”; “Aquele que joga pão no chão ou espalha dinheiro quando está com raiva viverá para precisar de

---

<sup>92</sup> JOHNSON, 1988, p. 143, 147.

<sup>93</sup> GINZBERG, 201.

<sup>94</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 272.

<sup>95</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 272.

<sup>96</sup> JOHNSON, 1987, p. 152.

<sup>97</sup> BADER. 1988, p. 269; FINKELSTEIN, 1964, p. 276; JOHNSON, 1987, p. 152.

<sup>98</sup> *Talmud Berachot* 5b.

<sup>99</sup> *Midrash Sifre Deut* 171; *Midrash Tanaim* 18:10, p. 110; *Tossefta Shabat* 7(8):14, p. 118.

<sup>100</sup> *Talmud Sanhedrin* 10:1.



caridade”.<sup>101</sup> Por outro lado, valorizava a alegria, “Cante continuamente, cante!”<sup>102</sup>, assim como o silêncio, “A cerca que protege a sabedoria é o silêncio”.<sup>103</sup> Rezava devagar em recinto privado e rápido em público, para não deixar os outros esperando.<sup>104</sup> Considerava de vital importância o respeito aos sábios e aos mais velhos.<sup>105</sup> Era avesso à severidade punitiva. A confissão deveria cancelar a punição<sup>106</sup> e um único mérito poderia garantir ao homem a vida eterna.<sup>107</sup> Ele próprio afirmou que, se fizesse parte do tribunal rabínico quando este possuía o poder de executar pena capital, nunca condenaria um homem à morte.<sup>108</sup>

Para ele, não havia inferioridade feminina.<sup>109</sup> A verdadeira riqueza era “uma esposa que é graciosa em seus atos”.<sup>110</sup> A mulher tinha o direito de se enfeitar mesmo durante o período menstrual, já que a mulher não pode ser vista como um instrumento de desejo do homem.<sup>111</sup> Um casamento é adequado quando há compatibilidade e amor, e nenhum obstáculo moral ou legal.<sup>112</sup>

Ele mostrava antipatia a qualquer forma de escravidão, afirmando: “Na verdade, eles são meus servos, pois os fiz sair da terra do Egito, e não devem ser vendidos como se vende um escravo” (Lv 25:42). Não havia maneira de emancipação dos escravos, portanto, ele procurou diminuir o fardo dos menos afortunados de algumas maneiras: fixando o prazo máximo de escravidão em seis anos, conforme Ex 21:2: “Quando comprares um escravo hebreu, seis anos ele servirá; contudo, no sétimo ano sairá livre, sem pagar nada pela liberdade”; abolindo o duplo papel da mulher como escrava e concubina<sup>113</sup>; e proibindo um judeu cativo que foi redimido ser escravizado pelos seus redentores.<sup>114</sup> Quanto aos pobres, somente trapaceiros e aqueles que não casam suas filhas podem ser considerados pobres.<sup>115</sup> A lei não deve excluir nem exigir pesados sacrifícios dos grupos sociais mais fracos. Como a lei é

---

<sup>101</sup> *Talmud Abot* R. Natan I 3:8a.

<sup>102</sup> *Talmud Sanhedrin* 99a; *Pará* 4:7, p. 633.

<sup>103</sup> *Talmud Avot* 3:17.

<sup>104</sup> *Tossefta Berachot* 3:5, p. 6.

<sup>105</sup> *Talmud Menahot* 68b.

<sup>106</sup> *Tossefta Makot* 1:1, p. 438.

<sup>107</sup> *Talmud Jer. Kiddushin* 1:9, 61d.

<sup>108</sup> *Talmud Makkot* 1:10.

<sup>109</sup> *Talmud Nedarim* 11:4, FINKELSTEIN, 1964, p. 190.

<sup>110</sup> *Talmud Shabat* 25a.

<sup>111</sup> *Talmud Shabat* 64b; *Jer. Gittin* 50d.

<sup>112</sup> *Talmud Yebamot* 4:12-13; FINKELSTEIN, 1964, p. 190.

<sup>113</sup> *Midrash Mekhilta Mishpatim* 3.

<sup>114</sup> *Talmud Jer. Kiddushin* 1.2, 59b.

<sup>115</sup> *Talmud Sanhedrin* 76a.



passível de interpretações, deve ser utilizada para retificar desigualdades, e as regras devem favorecer os grupos mais oprimidos.<sup>116</sup>

Os ideais de paz e igualdade humana são princípios fundamentais da religião. “O princípio fundamental da Torá é o mandamento: ‘Ame ao seu próximo como a si mesmo’” (Lev 14:18).<sup>117</sup> Não havia parte alguma da Torá sem significado para Rabi Akiva: “E se você acha que está sem significado, é por causa de sua incapacidade de interpretá-lo”.<sup>118</sup> Ele agradecia e reconhecia bondades. Portanto, insere mais uma bênção na prece de agradecimento após as refeições: “Aquele que é Bom e faz o bem”.<sup>119</sup>

### 3 Tiradentes

Tiradentes (Joaquim José da Silva Xavier, 1746-1792) se tornou um ícone, um herói, segundo a história oficial, da liberdade e da independência do Brasil. É provável que seja o exemplo mais contundente de martírio da nossa história. Um dos líderes do movimento chamado “Inconfidência Mineira”, que buscava, sobretudo, a independência do país, acabou sendo traído e enforcado como o principal responsável pelas ideias libertárias que possuía. Seu corpo foi esquartejado e seus restos espalhados em locais públicos para servir de exemplo aos prováveis conspiradores.

Após o Brasil ter se tornado uma república, foi reconhecido como herói nacional e em 1965, foi declarado “Patrono Cívico da Nação Brasileira”.<sup>120</sup> O dia da sua morte tornou-se feriado nacional, 21 de abril, decretado pelo presidente Castelo Branco.

Tiradentes foi imortalizado pela pintura de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1895), “Tiradentes Supliciado”, uma imagem marcante do mártir esquartejado; pelos poemas de Cecília Meireles;<sup>121</sup> em várias músicas e sambas-enredo, bem como pelas diversas estátuas do Tiradentes espalhadas pelo país, incluindo a da praça Tiradentes, em Belo Horizonte; no Panteão da Pátria, em Brasília; no quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Piauí, entre outras.

#### 3.1 História

Joaquim José da Silva Xavier nasceu na Fazenda do Pombal, que pertencia à jurisdição de São João del-Rei, em 12 de novembro de 1746, e foi o quarto de sete

---

<sup>116</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 177-178.

<sup>117</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 210.

<sup>118</sup> Rabi Akiva, comentando o versículo “For it is no empty thing for you” (Dt 32:47). (*Midrash Gn Rabah* 1:14, p. 12; 22:2, p. 206; *Talmud Hagiga* 12a).

<sup>119</sup> FINKELSTEIN, 1964, p. 220.

<sup>120</sup> OLIVEIRA, 1980, p. 96-97.

<sup>121</sup> MEIRELES, 2005. [1953].



filhos.<sup>122</sup> Ele perdeu a mãe, a brasileira Antônia da Encarnação Xavier, e o pai português, Antônio da Silva Santos, respectivamente, em 1755 e 1757, com a consequente perda das propriedades da família.

Kurt Loewnstamn defende a hipótese de que a mãe de Tiradentes, Antônia de Encarnação Xavier Colaço, era judia. Para a pesquisadora,

O segmento marrano de Tiradentes tem procedência" [...] "Na leitura do acórdão, em que a decisão de D. Maria I se baseia, lê-se que 'Tiradentes seria indigno da real piedade'. Esse gênero de expressões era muito usado em relação à cristãos-novos, por motivos óbvios.<sup>123</sup>

Órfão aos 11 anos, ele foi criado pelo seu tio e padrinho Sebastião Ferreira Leitão, que era cirurgião dentista. Portanto, aprendeu o ofício e ganhou o apelido de Tiradentes, pois "ornava a boca de novos dentes, feitos por ele mesmo, que pareciam naturais".<sup>124</sup> Ele possuía uma "bela caligrafia", e escrevia sem erros ortográficos ou sintáticos, indicando que teve uma educação acima da média do seu tempo. Costumava ter consigo um dicionário de francês e uma tradução francesa da Constituição dos Estados Unidos.<sup>125</sup>

Além de dentista prático, trabalhou como tropeiro, minerador, mercador ambulante, militar e ativista político. Conhecia muitos remédios vegetais e exercia algumas funções de médico prático, como fazer curativos ou pequenas intervenções cirúrgicas.<sup>126</sup>

Em 1776, alistou-se na tropa do Sexto Regimento da Cavalaria Regular da Capitania de Minas Gerais. Rapidamente, tornou-se alferes. Paralelamente, continuou a exercer a profissão de dentista. Foi nessa época que derrotou a temida quadrilha da Mantiqueira, chefiada pelo Joaquim de Oliveira, conhecido como Montanha. Porém, sua carreira na cavalaria teria um fim prematuro: pediu licença em 1787 por falta de perspectiva de promoção, vendo que muitos de seus subordinados já ocupavam postos superiores.<sup>127</sup>

Segundo consta, era bastante mulherengo, e teve muitos casos efêmeros. Um desses casos, entre 1785 e 1787, foi com uma jovem de dezesseis anos, Antônia Maria do Espírito Santo, que engravidou, e deu à luz à uma filha, em 31 de agosto de 1786, que foi denominada Joaquina da Silva Xavier. Tiradentes ainda teria tido um outro filho

---

<sup>122</sup> MARTINO, 2014, p. 39.

<sup>123</sup> GOLDBERG, 1978, p. 54.

<sup>124</sup> CHIAVENATO, 2000, p. 25.

<sup>125</sup> MARTINO, 2014, p. 40.

<sup>126</sup> MARTINO, 2014, p. 42.

<sup>127</sup> MARTINO, 2014, p. 43-45.



com Eugênia Maria de Jesus, denominado João de Almeida Beltrão, criado pelo amigo Luis de Almeida Beltrão, que deu ao menino o seu nome para evitar a infâmia do pai que fora enforcado por seus crimes contra a Coroa.<sup>128</sup>

O contexto histórico do momento era bem complexo. Alguns pontos negativos da administração portuguesa provocavam revoltas na população brasileira: em primeiro lugar, a cobrança do quinto (20% de impostos) e da derrama (imposto extraordinário caracterizado pela cobrança dos quintos em atraso, ou a tomada de posses para cobrir o que faltava para o pagamento do quinto). Apesar da regressão da extração do ouro após 1760, a cobrança do imposto foi mantida pelos portugueses.

A decadência se espalhou pelo reino. De acordo com a narradora do romance *Joaquina, filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz,

Toda essa gente morre na miséria. Quando não morre a ferros, em alguma cadeia por aí. O contrabando é desumano. E as leis da Coroa, aplicadas pelos intendentés, mais desumanas ainda. Quem lavra honestamente não tem lucro; só perda. O ouro é a nossa desgraça. [...] Nos arraiais por onde passo só vejo ruínas. É a decadência da mineração.<sup>129</sup>

Um desejo de revolta tomou conta, assim, da população brasileira:

Era pena que uns países tão ricos como estes [as Minas Gerais] estivessem reduzidos à maior miséria, só porque a Europa, como esponja, lhe estivesse chupando toda a substância.<sup>130</sup>

Em segundo lugar, a aversão portuguesa às ideias francesas de liberdade, igualdade e fraternidade: em Ouro Preto, Diogo Nunes Henriques havia sido preso por defender a liberdade de pensamento e Domingos Nunes havia sido queimado porque defendia a igualdade entre todos os homens.<sup>131</sup>

No romance de Queiroz, o clima na colônia foi assim descrito:

Na Corte só se fala nos pedreiros-livres e nos iluminados que vêm para Portugal com idéias francesas a pôr a perder o país. E o senhor Diogo Inácio de Pina Manique [Intendente da Polícia do Reino] mete-os todos na prisão carregados de ferros. [...] Quem tem idéias francesas, que se cuide! É melhor falar de outra coisa.<sup>132</sup>

---

<sup>128</sup> MARTINO, 2014, p. 44.

<sup>129</sup> QUEIROZ, 1987, p. 158.

<sup>130</sup> FIGUEIREDO, 2011, p. 295.

<sup>131</sup> NOVINSKY, 2015, p. 168.

<sup>132</sup> QUEIROZ, 1987, p. 164-165.



Além das ideias francesas, havia ainda o temor, por parte dos portugueses, da influência que a independência dos Estados Unidos, em 1776, poderia causar. Joaquim José da Maia já havia se encontrado com Thomas Jefferson em 1786.<sup>133</sup> Se os Estados Unidos haviam conseguido sua liberdade vencendo uma potência muito mais forte do que Portugal, por que o Brasil não poderia conseguir a sua própria independência?

O movimento chamado de Inconfidência Mineira, que buscava a independência do Brasil, ocorrido em 1789, teve início com o encontro de Tiradentes com José Álvares Maciel, um jovem e rico estudante da Universidade de Coimbra, defensor da industrialização, que enaltecia as vantagens da república.<sup>134</sup> A questão da independência tornou-se uma ideia fixa na mente de Tiradentes. Morando no Rio de Janeiro, começa a espalhar essa ideia, mas a maioria da população é contra, temendo a justiça portuguesa, provocando a sua decepção. A sua decepção se multiplica com a notícia da recusa da Câmara Municipal em adotar os seus projetos. O povo do Rio de Janeiro parece não se interessar pela sua própria liberdade, e Tiradentes toma uma sonora vaia dos espectadores ao entrar na Casa da Ópera para assistir a um espetáculo.<sup>135</sup> Não levou a sério, mas logo depois regressou à Minas.

A ideia da independência começou a se espalhar devido ao descontentamento dos ricos, que deviam altas somas à Coroa, em virtude dos quintos e outros impostos. Acreditavam que, se o país se tornasse independente, suas dívidas seriam perdoadas. Contudo, o Visconde de Barbacena, Dom Luís Antônio Furtado de Castro do Rio Mendonça e Faro, governador da Capitania de Minas Gerais, recebeu a ordem de executar a derrama em 1788. Os portugueses mantiveram a cobrança anual de cem arrobas<sup>136</sup> de ouro, quase 1500 quilos, mesmo com a regressão da extração do ouro após 1763, ou seja, os mineiros já não conseguiam mais atingir as cifras exigidas pela Coroa há anos, e foram acumulando dívidas, chegando ao impagável valor de 596 arrobas<sup>137</sup> de ouro, ou seja, aproximadamente 8760 quilos de ouro, agora exigidos pela Coroa.<sup>138</sup>

Os inconfidentes tinham em mente os seguintes propósitos: transferir a capital do Brasil para São João Del Rei; criação de uma Casa da Moeda; estabelecimento de indústrias; criação de uma universidade em Vila Rica; manutenção da escravidão;

---

<sup>133</sup> ROSA, 1997, p. 84; MARTINO, 2014, p. 52.

<sup>134</sup> MARTINO, 2014, p. 46.

<sup>135</sup> MARTINO, 2014, p. 48.

<sup>136</sup> 1 arroba corresponde a 14,7 kg (FERREIRA, 1988, p. 63). Portanto, 100 arrobas são 1470 kg.

<sup>137</sup> 596 arrobas correspondem a 8761,2 kg.

<sup>138</sup> MARTINO, 2014, p. 49.





eliminação das dívidas com a metrópole; estabelecimento da república com eleições em três anos; queima dos cartórios; separação entre Igreja e Estado.<sup>139</sup>

Tiradentes foi, assim, considerado o homem certo para liderar a revolta:

Sem ter dado certo como tropeiro, preso por ter tentado ajudar um escravo, frustrado como minerador, sem nunca ter conseguido qualquer promoção nas milícias, ridicularizado por seus projetos de melhoramentos na cidade do Rio de Janeiro e, até mesmo, pelo fato de ter sido traído pela companheira, Joaquim José já não mais suportava o governo português.<sup>140</sup>

O entusiasmo de Tiradentes pela liberdade tornou-se cada vez mais imprudente, e ele passou a tentar convencer a todos por toda parte, criticando o governo, maldizendo os governadores, pregando a independência e a constituição de uma república. Utilizava-se da expressão “restaurar a nossa terra”.<sup>141</sup>

Diversos militares, fazendeiros, homens ricos e influentes acabaram por aderir à revolta, que recebeu de Inácio José de Alvarenga Peixoto o lema da bandeira dos inconfidentes: “libertas quae sera tamen”<sup>142</sup> (“Liberdade, ainda que tardia”).<sup>143</sup>

A primeira delação foi de Joaquim Silvério dos Reis, que seguiu Tiradentes até o Rio de Janeiro, informando às autoridades o seu paradeiro. Dois espões foram designados para segui-lo. Tiradentes foi preso em 10 de maio de 1789. Os demais inconfidentes foram presos, porém, a ordem de prisão só foi emitida após 23 de maio.<sup>144</sup>

A leitura da sentença durou dezoito horas, na presença dos acusados acorrentados. Ao todo, 34 pessoas foram indiciadas, das quais 8 foram consideradas inocentes.<sup>145</sup> Os condenados passaram a se acusar mutuamente, apenas Tiradentes permaneceu calado e manteve a dignidade.<sup>146</sup> Diversos inconfidentes foram condenados à morte, provocando a célebre reação do Tiradentes: “Se dez vidas eu tivesse, dez vidas daria para salvá-los”. Porém, os demais conspiradores tiveram suas penas comutadas para degredo na África.<sup>147</sup>

---

<sup>139</sup> MARTINO, 2014, p. 52.

<sup>140</sup> MARTINO, 2014, p. 50.

<sup>141</sup> MARTINO, 2014, p. 51.

<sup>142</sup> MARTINO, 2014, p. 57-59.

<sup>143</sup> ROSA, 1997, p. 85.

<sup>144</sup> MARTINO, 2014, p. 106.

<sup>145</sup> MARTINO, 2014, p. 113.

<sup>146</sup> ROSA, 1997, p. 87.

<sup>147</sup> ROSA, 1997, p. 88.



O processo contra Tiradentes durou três anos, com onze interrogatórios.<sup>148</sup> Tiradentes foi o único punido com a morte por ser o inconfidente de posição social mais baixa, haja vista que todos os outros eram mais ricos, ou detinham patente militar superior.<sup>149</sup> Tornou-se o bode expiatório ideal – e a Coroa o escolheu para servir de exemplo.<sup>150</sup> Acabou enforcado em 21 de abril de 1792, no Rio de Janeiro, e seu corpo foi esquartejado. Sua cabeça foi encravada numa estaca e exposta em praça pública em Vila Rica, e seus membros, espalhados pela estrada que levava ao Rio de Janeiro.<sup>151</sup> Trinta anos após a morte de Tiradentes, seu sonho se tornou realidade: o Brasil se libertou de Portugal.

### 3.2 Princípios de Tiradentes

Tiradentes era corajoso, carismático, popular e linguarudo.<sup>152</sup> De acordo com esse ponto de vista, um homem admirável, inteligente e habilidoso em diversas áreas, que se preocupava com o bem comum:

[...] o heroísmo emerge da precariedade humana – pobre, mesquinha e vulgar. O Alferes não era um louco alucinado nem um utopista fanático. Tinha os pés presos à terra. Era homem, pai e marido. Sabia usar das mãos com habilidade e inteligência e não se recusara a dispor dos seus talentos em favor do bem comum. Ninguém mais próximo da humanidade; ninguém mais distante do egoísmo dos poetas líricos.<sup>153</sup>

Entre suas características mais lembradas nos relatos oficiais está a bondade, já que, enquanto dentista, “muitas vezes, tratava seus pacientes sem nada lhes cobrar, bastando para si apenas a certeza de que estava levando alívio e conforto aos seus semelhantes”.<sup>154</sup> Tiradentes demonstrava, além disso, defesa da justiça, especialmente quando dizia respeito aos menos favorecidos. Chegou a ser preso, agindo em defesa de escravos.<sup>155</sup>

Ainda que um ser humano como qualquer outro, porém, com suas habilidades, tenho tido diversas funções e aprendido diversos ofícios, procurava sempre tornar-se uma pessoa melhor e mais preparada para o futuro. Sendo assim:

---

<sup>148</sup> MARTINO, 2014, p. 114-115.

<sup>149</sup> Tiradentes não chegava a ser rico, mas não era desprovido de bens, de acordo com MARTINO, 2014, p. 42.

<sup>150</sup> ROSA, 1997, p. 87.

<sup>151</sup> FIGUEIREDO, 2011, p. 297.

<sup>152</sup> MARTINO, 2014, p. 50.

<sup>153</sup> QUEIROZ, 1987, p. 59.

<sup>154</sup> MARTINO, 2014, p. 40.

<sup>155</sup> QUEIROZ, 1987, p. 27. O mesmo fato é narrado em MARTINO, 2014, p. 42-43.



Ele não se conformava com o que sabia: queria aprender sempre, sempre mais e mais; queria aprender para ser útil. Seria um louco capaz de tamanha sensatez? Não, ele não era um rústico atordoado. Nem um doido endemoniado. Talvez tenha andado por casas de meretrizes a prometer prêmios para o futuro... Por que não? Se era um lírico...<sup>156</sup>

E sonhava com a liberdade:

E nós vivemos no Brasil. E os que aqui sonham com a liberdade, são chamados loucos...<sup>157</sup>

Porque *no* me parece inconseqüência lutar pela liberdade. *Es de lo más legítimo*.<sup>158</sup>

### 3.3 Tiradentes, na concepção ficcional de Maria José de Queiroz

Queiroz, por intermédio do seu personagem Diogo da Cunha Vilela, atribui uma certa ingenuidade teórica ao Tiradentes, como também aos seus companheiros de revolta. Os inconfidentes não transformaram as suas ideias teóricas em revolta armada, em tomada de poder. Portanto, mantiveram-se no campo dos ideais utópicos. Para o personagem:

Ainda que audacioso, o levante foi mal-pensado, mal-preparado e mal-dirigido. [...] Mas creio que tudo se frustrou porque esse grupo de revolucionários se deixou empolgar pelas idéias. Eram, todos eles, homens de palavra fácil – licenciados em leis, leitores dos enciclopedistas franceses, poetas e clérigos – gente um tanto alheia à ação, à guerra e às armas. Uma revolução não se faz com palavras; faz-se com sangue, meus amigos. E, também, cumpre advertir, a essa mesma luz, que uma revolução não se sufoca com palavras, mas com a morte. Só as revoluções feitas com sangue logram perpetuar-se. É o sangue o melhor adubo para a terra da pátria. É ele que faz brotar do solo o patriotismo. Quem não luta pelo próprio país, quem não toma das armas para defender o seu território, jamais

---

<sup>156</sup> QUEIROZ, 1987, p. 194. A sentença “Talvez tenha andado por casas de meretrizes a prometer prêmios para o futuro” encontra uma contrapartida em “Andava em Vila Rica por casas de má fama a prometer prêmios as quem o ajudasse a transformar essa terra numa República” (ibid., p. 136), dando margem à interpretação de seu comportamento como idealista, e não imoral. Em MARTINO, 2014, p. 40, “costumava dar vivas à república em tabernas e prostíbulos”.

<sup>157</sup> QUEIROZ, 1987, p. 144.

<sup>158</sup> QUEIROZ, 1987, p. 137.



chegará a saber que ali, onde vive, é a pátria. Se queres a paz, prepara-te para a guerra. E tome nota no que lhe digo: só mediante a força o homem desfruta os seus direitos. [...] As nações oprimidas do mundo não serão redimidas pela humanização dos seus opressores – nunca! – mas pelo esforço próprio. A paz é filha da guerra.<sup>159</sup>

Atentem no seguinte: se acusaram o Tiradentes de louco, é porque nele havia muito de Cândido – a personagem do livro de Voltaire, simples e puro de coração. Está aí o seu lado ingênuo, bom bárbaro, diria. E está aí também o encanto que descubro num Tupac Amaru. Foi o sangue português – europeu portanto – que o levou à paixão pelas idéias, transformando-o numa espécie de produto híbrido, inspirado por teorias importadas, mas movido pelo amor desinteressado à terra natal. Por quê? Porque sua alma ingênua desconhecia os ardis da civilização. [...] Uma revolução não é fruto de inspiração. A maior virtude do revolucionário é a virilidade – a energia do varão. [...] Varão viril e virtuoso, arma em punho, apto a todo combate. Todas as conspirações têm o seu traidor...<sup>160</sup>

Tiradentes é retratado, no romance, por sua filha Joaquina, de uma forma idealista e poética. Joaquina, que pouco conheceu o pai, e sofre com a sua falta, transforma o ser humano falível em um personagem icônico e proeminente, com características nobres: destemido, bravo, habilidoso, defensor dos fracos e, finalmente, herói.

Foi mais que santo: é herói.<sup>161</sup> [...] Cuida das suas doenças e dos seus dentes! E não é só isso! Entende de pedras, sabe construir moinhos, trapiches e encanamentos. E é valente, dizem por aí... Muito valente. Anda na ronda do mato, à caça dos bandoleiros e malfeitores. Mas é bom, muito bom. Defende os negros escravos, cuida dos doentes... Tão bom, tão forte, tão destemido, tão hábil e tão habilidoso. [...] Legado de generosidade, de coragem e de bravura.<sup>162</sup>

Porém, Joaquina perde o seu pai-herói para o ideal e reflete: “a família do herói é o seu povo.”<sup>163</sup> Após a morte dele, o que resta para sua filha é tristeza, amargura e

---

<sup>159</sup> QUEIROZ, 1987, p. 271-272.

<sup>160</sup> QUEIROZ, 1987, p. 274.

<sup>161</sup> QUEIROZ, 1987, p. 285.

<sup>162</sup> QUEIROZ, 1987, p. 288-289.

<sup>163</sup> QUEIROZ, 1987, p. 61.



solidão: “Que nos resta do heroísmo do Alferes? Um corpo esquartejado, alguns metros de terra salgada e a memória infame.”<sup>164</sup> E na resignada reflexão: “O silêncio se encarregava de transformar em história o que fora tumulto, paixão e tragédia.”<sup>165</sup>

#### **4 Alguns pontos de contato**

Há muitos pontos em comum na trajetória do mártir judeu da época do Talmud e do mártir brasileiro da época do Brasil-colônia. Ambos viveram em épocas de grande opressão por parte de algum império dominante, tiveram infâncias difíceis, possuíam ascendência judaica. Eram humanistas, humildes, otimistas, idealistas e buscavam sempre a justiça e a defesa dos menos afortunados. Ambos foram escolhidos como bodes expiatórios, brutalmente assassinados, no intuito de causar pânico àqueles que desejassem, eventualmente, enfrentar poder instituído. Tanto Rabi Akiva quanto Tiradentes são considerados mártires por excelência, cada qual em seu tempo e em sua comunidade.

Por outro lado, R. Akiva manteve uma vida estável em diversos sentidos: relacionamento matrimonial duradouro, trabalho como pastor durante seus primeiros quarenta anos e estudante rabínico durante os próximos quarenta anos. Tiradentes, por sua vez, nunca se casou, e manteve relacionamentos de curta duração. Além disso, não teve sucesso em manter um ofício por muito tempo. Ambos buscavam a liberdade, porém, o primeiro se absteve dos conflitos e praticava apenas a desobediência civil, no intuito de conseguir a autonomia religiosa, enquanto o segundo conspirava contra o poder dominante, visando a luta armada para atingir a emancipação política e econômica.

O martírio proporciona uma mensagem forte às gerações seguintes, de propósito, vida plena e ideal ou fé obstinados. O mártir salta da vida para a consciência coletiva, em um misto de dor empática e admiração quase mítica. A imagem ou imaginação do sofrimento extremo, dos corpos mutilados, esquartejados, quebrados, causa uma sensação pesadosa, mas ao mesmo tempo de consideração, em qualquer ser humano capaz de sentir empatia em relação aos demais. O mártir é um sofredor, mas é também o protagonista de um ato extremo de valentia e rebeldia frente ao autoritarismo, à opressão e à maldade, que ecoa eternamente na história e que pode, muitas vezes, ser o catalisador de uma mudança profunda no âmago da sociedade. Enquanto Rabi Akiva manteve o seu judaísmo vivo, o sacrifício de Tiradentes precedeu a independência do Brasil. Nesse sentido, os seus objetivos foram alcançados.

---

<sup>164</sup> QUEIROZ, 1987, p. 60.

<sup>165</sup> QUEIROZ, 1987, p. 217.



## Referências

- BADER, Gershom. *The Encyclopedia of Talmudic Sages*. Tradução de Solomon Katz. Northvale (NJ): Jason Aronson Inc., 1988.
- BEN-DOV, Meir. *Carta's Illustrated History of Jerusalem*. Second Updated Edition. Jerusalem: Carta, The Israel Map and Publishing Company, Ltd., 2006.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Inconfidência Mineira: as várias faces*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DIO, Cassius. *Roman History*, v. 5, Livro 69. [E-book]. Tradução de Herbert Baldwin Foster. The Project Gutenberg, 2004. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/10890/10890-h/10890-h.htm#b69>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- FALBEL, Nachman. *Kidush Hashem: Crônicas Hebraicas sobre as Cruzadas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FIGUEIREDO, Lucas. *Boa Ventura! A corrida do ouro no Brasil (1697-1810)*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- FINKELSTEIN, Louis. *Akiba: Scholar, Saint and Martyr*. New York: Atheneum, 1964.
- FREEDMAN, David Noel [ed.]. *The Anchor Bible Dictionary*, v. 4. New York: Doubleday, 1992.
- GINZBERG, Louis. *Akiba ben Joseph*, em: *Jewish Encyclopedia*. New York: The Kopelman Foundation, 2002-2011. Disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/1033-akiba-ben-joseph>. Acesso em: 28 nov. 2018.
- GOLDBERG, Jacob Pinheiro. *Psicologia e reflexões do inconsciente*. Assoc. OINA do Brasil, 1978.
- HASTINGS, James. *Dictionary of the Bible*. New York: Charles Scribner's Sons, 1909.
- JASTROW, Marcus [ed.]. *A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. New York: The Judaica Press, 1996.
- JOHNSON, Paul. *A History of the Jews*. New York: Harper Perennial, 1987.
- Judaic Classics: The Soncino Talmud*. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.
- KANTOR, R. Mattis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. New York: Zichron Press, 2007.
- KOLATCH, Alfred J. *Masters of the Talmud: Their Lives and Views*. New York: Jonathan David Publishers, 2003.



MARTINO, José. *1789: A Inconfidência Mineira e a vida cotidiana nas Minas do século XVIII*. Atibaia: Excalibur, 2014.

NOVINSKY, Anita. *Os Judeus que construíram o Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

OLIVEIRA, Carolina R. R. *Biografias de Personalidades Célebres*. São Paulo: Lisa, 1980.

QUEIROZ, Maria José de. *Joaquina, Filha do Tiradentes*. São Paulo: Marco Zero, 1987.

ROSA, Carlos Mendes [ed.]. *História do Brasil*. São Paulo: PubliFolha, 1997.

-----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.